

Uma perspectiva sobre Edith Stein e a Fenomenologia

RESUMO

Este artigo pretende apresentar uma visão da relação entre Edith Stein e a Fenomenologia, com base em textos da própria filósofa e na compreensão de seu desejo de verdade como desejo de objetividade.

Palavras-chave: Edith Stein; Fenomenologia; Verdade; Objetividade; Sentido.

ABSTRACT

This article aims to present a vision of the connection between Edith Stein and Phenomenology, based on the philosopher's own texts and on the understanding of her desire for truth as a desire for objectivity.

Keywords: Edith Stein; Phenomenology; Truth; Objectivity; Sens.

Para tratar do tema *Edith Stein e a Fenomenologia*, diferentes caminhos poderiam ser tomados. Pretendo percorrer aquele que me pareceu mais adequado para partilhar com vocês¹ o modo como vejo o pensamento de Edith Stein e sua pertença à Fenomenologia. O encontro com a história e o pensamento dessa mulher foi de extrema importância em minha vida e continua a sê-lo. Daí o tom pessoal (embora fundado em justificativas, espero) de algumas partes da minha exposição.

Como o tema *Edith Stein e a Fenomenologia* é bastante amplo, e como são enormes os riscos de nos desviarmos de sua obra, falando de coisas nossas e não do que ela realmente escreveu, procurei um critério que permitisse apre-

* Doutor e Professor de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo, Email: juvenal.savian@unifesp.br

¹ Este texto encontra-se na forma para a qual foi concebido, qual seja, a de texto-base para a participação na mesa-redonda "Edith Stein e a Fenomenologia", durante o Colóquio Edith Stein, promovido pela UFC em 2014. Vem desse motivo o caráter oral-coloquial do texto.

sentar de modo mais justificado e compreensível o meu modo de ver o pensamento steiniano.

Assim, ao preparar minha contribuição, percebi que, se começasse repetindo clichês como “Edith Stein uniu Fenomenologia e filosofia medieval”, ou “Edith Stein atualizou a filosofia escolástica por meio da Fenomenologia”, ou ainda “Edith Stein pensou o que pensou por causa da fé cristã”, eu estaria tomando como ponto de partida aquilo que foi ponto de chegada em Edith Stein. O erro estaria em insinuar que Edith, desde o início de sua atividade filosófica, teve um fio da meada ou uma preconcepção clara de onde ia chegar, bastando-lhe apenas desenrolar esse fio ou desenvolver essa preconcepção. Quem se aproxima de Edith Stein e estuda sua vida e obra, dá-se conta, ao contrário, de que aquilo que chamamos de pensamento steiniano ou de filosofia steiniana é algo que foi por ela construído a partir de diferentes descobertas e encontros ao longo de toda a sua vida. Não podemos dizer, por exemplo, que o monumento por ela construído em *Ser finito e eterno* ou a pedra preciosa por ela burilada em *Ciência da Cruz* já estavam em sua mente quando, aos 22 anos de idade, ela se mudou para Gotinga a fim de estudar com Edmund Husserl. Pensar dessa forma significa tornar homogêneo e sistemático um pensamento que se construiu, como diz Bernard Dupuy, “no combate de todos os instantes, terminando na oferenda de sua vida.” (DUPUY, 1992, p. 173).

Se insisto nesse ponto – que pode parecer tão óbvio – é porque conheço o fascínio que Edith Stein costuma causar em quem descobre sua história, fascínio este que, no entanto, costuma fazer que muitos a vejam como uma mulher sobre-humana, santa, iluminada, praticamente gélida e pétrea, sem nunca ter sofrido com as vicissitudes da vida nem com as durezas do pensamento. Edith Stein, porém, está na antípoda dessa imagem: sua vida nunca foi plaina; e, mesmo quando encontrava calma externa, Edith Stein experimentava verdadeiras revoluções internas; seu pensamento recebeu diferentes solavancos, que ela teve de suportar e assimilar; sua história pessoal, unida à história geral da Europa, foi marcada por dificuldades atroz, e, mesmo quando encontrou a paz da vida austera carmelita, dela foi arrancada para o abalo final. A imagem, porém, de uma pensadora sempre imperturbável e serena é muitas vezes projetada sobre seu pensamento, como se ele consistisse em uma simples “junção de filosofia escolástico-tomista e Fenomenologia” ou em um trabalho que desde o início já sabia onde queria chegar, gozando de inspirações especiais, sem implicar nenhuma dor nem nenhum esforço. Por essa razão, pretendo aqui apresentar o meu modo de ver Edith Stein, na contramão dessas imagens.

Todavia, o risco de trocar alhos por bugalhos é grande, simplesmente substituindo uma imagem por outra ou um clichê por outro. Procurei, então, encontrar na própria obra de Edith Stein o critério que eu buscava para exprimir o modo como encaro o trabalho steiniano e sua relação com a Fenomenologia. Por isso, levando a sério o combate cotidiano de Edith Stein tal como ela o registra em seus livros, conferências e meditações, percebi que o elemento constante em sua vida foi o que ela chamava de *desejo de verdade*. Assim, por exemplo, ela não se mudou para Gotinga, a fim de estudar Fenomenologia com Husserl, apenas porque se tratava de uma novidade, mas porque a Fenomenologia parecia-lhe permitir esclarecer problemas fundamentais que ela encontrava desde seus estudos de História,

Germanística e Psicologia em Breslávia. Houve, portanto, um descortinar de sentido verdadeiro para ela; foi isso que a moveu. Ainda, quando discordou de Martin Heidegger, Edith Stein não o fez simplesmente porque ele não correspondia à sua maneira de ver o mundo, mas porque o pensamento heideggeriano lhe parecia insuficiente e mesmo inadequado para exprimir a experiência humana. Aliás, Edith Stein valoriza o trabalho de Heidegger, dizendo que sua filosofia leva a uma vida “grave” ou “séria”, porque permite viver de maneira desperta e atenta ao existir mesmo. Ou ainda, quando ela se inspira nos pensadores cristãos (principalmente Agostinho, Tomás de Aquino e Duns Escoto), Edith Stein não o faz simplesmente porque se convertera ou porque pretendia fazer alguma apologia do pensamento cristão, mas porque esses autores também revelaram para ela novos horizontes de sentido. Assim, em síntese, ao refletir sobre essa busca inteligente e honesta de Edith Stein, dei-me conta, então, de que o melhor critério, no meu caso, para falar sobre o tema *Edith Stein e a Fenomenologia*, consistia em seguir, na própria obra de Edith Stein, as indicações dadas por ela mesma para explicar o seu percurso, ao qual ela denominava de *busca da verdade* ou *desejo de verdade*.

Mas aqui todo cuidado é pouco; afinal, resta saber o que Edith Stein entendia por verdade no início de sua atividade filosófica. Não podemos afobar-nos e falar de verdade com “V” maiúsculo, como se desde o início Edith Stein soubesse que a verdade reside em Deus. Essa afirmação é válida para a fase madura da vida de Edith Stein, e só pode ser dita por quem já conhece o caminho que Edith Stein percorreu. No entanto, a associação entre a verdade e Deus não pode ser projetada “de trás para a frente”, pois é um fato que, no início de sua atividade filosófica, Edith Stein não fazia essa associação. Corremos o risco de não ver o caráter genuíno da busca steiniana e de produzir a ilusão de que Edith Stein sempre quis convencer seus leitores de algo que ela teria tomado como pressuposto desde o início de sua vida intelectual, o que não corresponde aos fatos por ela mesma descritos.

Tendo isso em mente, impõe-se sobremaneira a necessidade de responder a pergunta: o que Edith Stein entendia pela *verdade* cujo desejo a moveu em todos os momentos de sua vida? A resposta me parece ser: a verdade é a objetividade; é verdadeiro tudo aquilo que aparece com clareza e total limpidez para a consciência. Edith Stein buscava essa clareza e limpidez, de modo que o seu *desejo de verdade* se mostra como um *desejo de objetividade* ou um *desejo de clareza*. Tal desejo permanecerá mesmo nas obras místicas de Edith Stein, pois ela não defende uma mística irracionalista ou de rompimento com o pensamento. Ao contrário, ela propõe uma mística que reconhece a insuficiência da compreensão e do discurso racional perante o mistério divino, sem, porém, negar a possibilidade humana de em alguma medida perceber esse mistério.

No entanto, embora eu tivesse encontrado na própria obra de Edith Stein o critério para falar de sua relação com a Fenomenologia, eu precisava selecionar textos que demonstrassem a validade desse critério, a fim de expô-los a vocês com segurança e correção. Vi então que nada era mais coerente do que concentrar-me na visão steiniana sobre dois dos filósofos contemporâneos que mais exerceram influência sobre ela: Edmund Husserl e Martin Heidegger. Decidi concentrar-me em ambos porque o primeiro é simplesmente inescapável se se quer falar do pensamento de Edith Stein e porque o segundo representa como que uma

tentativa de superar o primeiro, tentativa essa que em alguns pontos suscitou importantes reflexões por parte de Edith Stein. Seria possível falar também de Max Scheler, entre outros, mas Husserl e Heidegger representam uma oposição que contém vantagens explicativas.

Entre os vários textos de Edith, há um pequeno artigo, chamado *Como a Fenomenologia pode significar uma visão-de-mundo*², que é muito útil para uma exposição introdutória por ser um texto breve em que Edith apresenta as linhas mestras de seu modo de ver a fenomenologia de Husserl, Heidegger e Max Scheler. Tomarei esse artigo como fio condutor, complementando-o com passagens de *Introdução à Filosofia*, de *Ser finito e eterno* e de *A filosofia da existência de Martin Heidegger*.

Edith Stein e Husserl

Em *Como a Fenomenologia pode significar uma visão-de-mundo*, Edith Stein esclarece que a Fenomenologia não é uma simples visão-de-mundo ou uma opinião sobre a existência. Uma visão-de-mundo seria uma visão sobre o conjunto de tudo o que existe, com suas conexões e ordenamentos. Ao elaborar sua visão-de-mundo, o indivíduo recorre a elementos os mais diversos, provenientes da religião, da ciência, das filosofias, das artes, da política, da ética. A Fenomenologia, porém, não seria mais uma visão-de-mundo entre várias, mas uma investigação rigorosa dos pressupostos das visões-de-mundo, especialmente daquelas visões que pretendem um caráter científico.

Segundo Edith Stein, a Fenomenologia chega a esses pressupostos, que são pressupostos da consciência, por meio de um tratamento do sentido das palavras. Pela determinação do sentido preciso das palavras, a Fenomenologia ultrapassa as próprias palavras e chega às unidades de sentido. O sentido, por sua vez, não é uma simples referência a coisas particulares, mas a ideia ou a essência das coisas. A investigação do sentido ou das essências permite ver se o que dizemos sobre as coisas corresponde a elas mesmas, isto é, às coisas como unidades de sentido que se doam à relação de consciência, as coisas como objetos de consciência (o projeto de Husserl de “voltar às coisas mesmas” é, então, uma volta às coisas em sua objetualidade, em sua fenomenalidade). Por exemplo, a Física opera com conceitos como matéria, força, espaço, tempo; a História fala de pessoas, povos, Estados; a Psicologia fala de causa, empatia, psiquismo. Mas é a Fenomenologia que pode esclarecer a essência ou o sentido desses conceitos, permitindo verificar se o procedimento das ciências particulares corresponde ao modo de aparecer das coisas investigadas.

A Fenomenologia não seria uma filosofia crítica ao modo de Kant, porque não afirma a existência de uma estrutura universal que seria chamada de sujeito transcendental, nem postula a diferença entre fenômenos e coisa-em-si. Ao contrário, os fenômenos, na Fenomenologia, são tomados pelo que são: o modo de as

² Cf. STEIN, E. Die weltanschauliche Bedeutung der Phänomenologie. In: _____. *Freiheit und Gnade*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 1962, pp. 1-17. (Edith Steins Werke 6). Há uma tradução brasileira, publicada em 2014: STEIN, E. O que significa mundivisão na Fenomenologia. Trad. Enio Paulo Giachini. In: *Revista Filosófica São Boaventura*. Vol. 7, n. 1, jan.-jun. 2014. Curitiba: FAE & Instituto São Boaventura, pp. 111-123.

coisas aparecerem para a consciência; o modo próprio como as coisas mesmas se doam para nós e revelam seu sentido. Por isso, podemos imaginar o sucesso que teve a Fenomenologia de Husserl nos inícios da filosofia contemporânea. Ao tomar o sentido como objeto de conhecimento, sem recorrer a uma cisão entre coisa conhecida e coisa real, Husserl criava uma abertura para o mundo, que havia sido posto sob suspeita por várias tendências da filosofia moderna.

O entusiasmo dos primeiros seguidores de Husserl foi tão grande, a ponto de alguns começarem a crer que a Fenomenologia abria o caminho para uma nova metafísica, uma construção positiva que enfim sairia das desconfianças críticas modernas. Mas Husserl via grandes riscos nesse entusiasmo; o principal deles seria tirar o foco da consciência e transferi-lo para o mundo, como que voltando à ingenuidade de uma visão natural que confiaria simplesmente na percepção sensível do mundo e sairia do nível das essências pressupostas pelos vários setores de exercício da consciência, inclusive o da própria percepção sensível. Então, se Husserl já havia concebido a redução eidética, ou seja, a passagem da consciência dos objetos individuais e concretos ao campo do que atravessa a empiria ou a experiência (as puras essências), ele passa a exigir, por questão de rigor, uma segunda redução, a redução fenomenológica ou transcendental, quer dizer, uma orientação em que se deixa de ver o mundo de maneira natural e cotidiana para vê-lo de maneira reflexiva como fenômeno puro, ou seja, em seu modo de oferecer-se à consciência.

Isso implica pôr entre parêntesis os juízos sobre a existência do mundo. Não se trata de deixar o mundo para trás, como uma questão que só seria resolvida por uma retomada no final da análise fenomenológica. Ao contrário, o mundo está sempre aí; não fica preso entre parêntesis. O que Husserl pretendia era tratar o mundo como um correlato da consciência, escapando a toda filosofia da representação que tratasse o que sabemos do mundo apenas como um substitutivo do mundo, sem garantia nenhuma de que falamos sobre o mundo e não sobre nossas representações do mundo.

É exatamente no período em que Husserl combinava a redução eidética com a redução fenomenológica que Edith Stein o encontra, tornando-se logo sua assistente. É o período do que se convencionou chamar de Círculo de Gotinga. Talvez não tenha havido, na história de Husserl e de Edith Stein, fase mais animada por debates acalorados como a fase de Gotinga. Alguns dos colegas desse período ficarão mesmo profundamente decepcionados com a insistência de Husserl sobre a redução fenomenológica ou transcendental. É o que se diz, por exemplo, de Hedwig Conrad-Martius, para quem o idealismo em que Husserl caíra parecia uma especulação que o reduzira a trapos e que perdeu justamente o que a seduzia: a objetividade em todos os campos, o começo não compreensível, sempre novo, em qualquer problemática (CONRAD-MARTIUS, H. *Schriften zur Philosophie*. Tomo II. Munique: Kösel, 1965, p. 396)³. Edith Stein, porém, tomará certa distância dessa visão de Conrad-Martius.

No texto *Como a Fenomenologia pode significar uma visão-de-mundo*, vemos Edith dizer que não é necessário seguir a crítica a Husserl feita por alguns mem-

³ Cf. CONRAD-MARTIUS, H. *Schriften zur Philosophie*. Tomo II. Munique: Kösel, 1965, p. 396. *Apud*: GUILÉAD, R. *Edith Stein: de la phénoménologie à la science de la Croix*. Louvain: Nauwlaerts, 1974, p. 104.

bros do Círculo de Gotinga, atribuindo-lhe um idealismo estrito ou mesmo um tipo de neokantismo. A comunicação intersubjetiva garante a autonomia do mundo com relação à consciência, embora não se possa falar de conhecimento do mundo sem uma consciência. Essa postura de Edith Stein permitirá mesmo que ela escape à querela entre idealismo e realismo. Em outras palavras, não fará sentido, em Fenomenologia, perguntar se o mundo é só obra da consciência ou se existe fora da consciência, pois a Fenomenologia pode, no dizer de Edith Stein, tanto mostrar que o que chamamos de “mundo” depende da nossa “consciência do mundo” como comprometer-se, tomando por base a intersubjetividade, com a existência de objetos onticamente independentes da consciência que os conhece.

Nesse ponto preciso podemos ver com um pouco mais de clareza a relação entre Edith Stein e a fenomenologia de Husserl. Parece-me mais coerente dizer que Edith continuou husserliana e, portanto, fenomenóloga até o fim, mesmo quando desenvolve uma reflexão metafísica. Em sua obra *Introdução à Filosofia* (material de aula usado por ela e transformado em livro, redigido durante a década de 1920), Edith Stein explora a comunicação intersubjetiva como forma de escapar à querela entre idealismo e realismo. Ela se interessa por uma situação cognitiva bastante precisa: as sensações sempre têm algo de subjetivo (a minha sensação é só minha; a sua é só sua); porém, elas também têm um aspecto objetivo, pois aquilo que elas retratam não depende de quem as percebe; se dependesse, não apareceria como o mesmo para indivíduos diferentes. Assim, só eu tenho condições de saber como é o amarelo que vejo; só você pode saber do amarelo que você vê; mas sabemos que vemos o amarelo porque concordamos em nossa comunicação interpessoal. Assim, o conteúdo da experiência é idêntico, mesmo que percebido diferentemente, o que leva a afirmar a independência dos objetos conhecidos com relação à consciência, no sentido de que não é ela que os produz. Ao mesmo tempo, dizer que o mundo existe por si mesmo não é algo que se faz por uma simples referência aos objetos, e, sim, ao modo como eles aparecem para a consciência intersubjetiva.

Isso permite dizer que, se o desejo de verdade ou de objetividade fez Edith Stein encontrar no projeto fenomenológico de Husserl a filosofia rigorosa que permitia explicar satisfatoriamente o que subjaz à atividade da consciência, é o mesmo desejo de verdade ou de objetividade que a fará permanecer fiel ao mestre mesmo quando seus colegas e amigos não hesitarão em procurar, de certo modo, outra orientação. Não quero dizer que Edith Stein subscrevia absolutamente tudo o que dissera Husserl. Ela hesitou em muitos aspectos; e isso mostra o combate cotidiano de Edith por clareza. No entanto, mesmo em *Ser finito e eterno*, Edith Stein pressupõe explicitamente a orientação fenomenológica. Ademais, como sinal eloquente dessa orientação, Edith sempre traduz o versículo que abre o Evangelho de João por “No começo era o *sentido*”. Ela não diz “No começo era a *palavra*”; *lógos* é traduzido por ela como *sentido*, numa clara atitude fenomenológica: há um sentido que precede mesmo a palavra criadora! O sentido precede a linguagem, mas abre ao mesmo tempo o caminho a uma outra palavra, a Palavra mesma, com P maiúsculo, o Verbo Encarnado (DUPUY, *op. cit.*, p. 189).

Certamente, uma diferença de Edith Stein em relação a Husserl é essa chegada à Palavra com P maiúsculo, a Palavra Divina. Também não quero dizer que Husserl não acreditasse nessa Palavra (aliás, ele era um protestante praticante,

convertido do judaísmo), mas ele não se dedicou a refletir sobre ela com o mesmo vigor de Edith Stein, porque, para ele, era importante adotar um ateísmo metodológico que garantisse a mais extrema imparcialidade em seu projeto de construção de uma fenomenologia como ciência rigorosa. É verdade que Husserl também escreveu sobre fenomenologia da religião; mas, ao que tudo indica, sem chegar ao mesmo teor do trabalho de Edith Stein, que fazia a filosofia chegar a um ponto em que ou ela se abria ao ser divino e aceitava, como filosofia, continuar por uma experiência teológica, ou ela se contradizia a si mesma, transformando-se numa antifilosofia por recusar-se, com base em preconceções racionalistas, a investigar um domínio da experiência humana como é o domínio da experiência religiosa.

Mas aqui tocamos novamente naquele ponto extremamente delicado que já anunciamos ao falar da prudência que devemos ter em não pôr rapidamente um V maiúsculo na verdade buscada por Edith. Afinal, não podemos insinuar que ela defende a continuação da filosofia como teologia, porque isso corresponderia a um abafamento da filosofia. Menos um recurso autoritário à fé. Nos termos do parágrafo 4 da Parte I de *Ser finito e eterno*, a filosofia chega a uma completude de sua atividade interessando-se pelo que a teologia pode lhe mostrar e aprendendo com ela, não por uma submissão, mas por uma simbiose típica da Fenomenologia: se falamos da consciência como nossa relação com o “mundo”, não faria sentido cindi-la em faculdades independentes, dentre as quais uma seria a razão, que, no limite, não se ocuparia do que não é empírico; ao contrário, se “somos consciência”, não haveria por que dizer que o mundo da fé e da teologia não mereceriam análise racional. Assim, a filosofia pode continuar sua atividade por meio da teologia; e só uma antirrazão ou uma antifilosofia comprometer-se-ia com uma separação entre filosofia e fé.

Edith Stein e Heidegger

Por um breve contraponto com Heidegger, podemos visualizar melhor o que quero dizer aqui. Como já adiantei, Edith Stein não discordará de certos aspectos do pensamento de Heidegger apenas porque ela queria defender uma filosofia cristã ou porque mantinha um programa apologético. Num breve parêntesis, vale lembrar que Edith Stein nunca usou sua conversão como motivo para tentar convencer alguém a elaborar uma filosofia religiosa. Ela era muito discreta ao comentar sua própria conversão. Conta-se que, diante das interrogações de Hedwig Conrad-Martius, ela mesma convertida à fé cristã no protestantismo, Edith Stein terá respondido: *Secretum meum mihi* (“Meu segredo é só meu” - Cf. *idem*, p. 173). Não podemos, portanto, dizer que, para Edith Stein, a filosofia “termina” em fé, teologia ou mística. A filosofia *continua* na fé, na teologia e na mística; a razão chega a uma obra perfeita, completa, sem terminar nunca sua atividade como razão. Pretender uma cisão entre, de um lado, o ato de fé, o conhecimento teológico e a experiência de Deus, e, de outro, o ato da razão, o conhecimento científico-filosófico e a experiência em geral, seria tratar a atividade de Edith Stein em um registro racionalista, fundado na cisão entre entendimento e vontade, e não em um registro fenomenológico da unidade do fluxo de consciência, como seria mais adequado.

O diálogo com Martin Heidegger é, assim, uma boa ocasião para vermos como Edith Stein exige que a verdade ou a objetividade continue sendo o critério de autenticidade do pensamento. Há um fato que ela reconhece em Heidegger: a “recuperação” do mundo como mundo da vida. Na verdade, Husserl é o grande iniciador da ideia de *mundo da vida* (o mundo tal como dado na intuição, na percepção direta do que aparece para a consciência, e não o mundo tal como descrito segundo os hábitos técnico-científicos), mas, no contexto em que o mesmo Husserl era excessivamente associado a um idealismo estrito por vários de seus discípulos, Heidegger despontava como quem tinha novamente posto a filosofia no mundo da vida. Edith Stein reconhece a importância da ênfase heideggeriana: o mundo está aí, se interpõe e se impõe. Se temos objetos ou fenômenos que se doam a nós, aos quais pretendemos constituir e dominar intelectualmente, é porque estamos no mundo e pertencemos a ele. Nosso pertencimento ao mundo não é uma compreensão especulativa, mas um dado ôntico. O ente é lançado ou posto no mundo, projetando aí os seus possíveis. Reconhecer isso é mérito de Heidegger.

No entanto, como acredita Edith Stein, mesmo que a filosofia heideggeriana possa produzir um bom efeito, fazendo retornar as questões decisivas da vida ao foco central da filosofia, ela também pode terminar em pessimismo e niilismo ao insistir excessivamente na falibilidade do ente humano e na sua obscuridade constitutiva⁴. O *Dasein* – ente humano ou ser-aí que põe a pergunta pelo existir – é visto como lançado “no” ser, com um passado obscuro e um futuro também obscuro, cabendo a ele tomar sua existência nas mãos, com olhos fixados na morte. O ser-aí tem de haver-se com o existir de ser-aí, e, sendo solícito, transformar sua existência em cura/cuidado. Isso pode pôr em xeque, segundo Edith Stein, a possibilidade de uma visão religiosa autêntica (como acolhida existencial do mistério divino), pois permite uma cosmovisão sem divindade. No entanto, não é por uma defesa de uma visão de mundo religiosa que Edith discordará de Heidegger. Ela não pretende dizer que a filosofia “deve” levar em conta a fé ou Deus, mas que o pensamento heideggeriano, por si mesmo, pede superação porque contém o risco de aprisionar o ser humano em si mesmo, possibilitando fechar a abertura para qualquer realidade divina.

No texto *A filosofia da existência de Martin Heidegger*⁵, que apareceu como apêndice a *Ser finito e eterno*, Edith Stein afirma que é nas sutilezas dos termos usados por Heidegger que se escondem muitas dificuldades. Ela analisa, então, o que lhe parecem ser algumas incoerências. Por exemplo, Heidegger diz que o ente é posto ou lançado aí por si mesmo. Edith, no entanto, não consegue ver na contingência do existir nem a causa, nem o efeito, nem o sucesso, nem o fracasso do próprio ente; não há nada que leve a dizer que o existir se lança a si mesmo e lança o ente na existência. Ao contrário, cada ente é ligado a outros e, mais do que isso, cada ente é iniciado à alteridade pela empatia, o que abre o eu a uma infini-

⁴ Tudo indica que, apesar de conter muitos acertos, a interpretação steiniana do primeiro Heidegger também contém fragilidades ou mesmo equívocos. Atualmente, o melhor estudo em língua portuguesa sobre as relações de Edith Stein com o pensamento heideggeriano é: MAC DOWELL, J. A. O confronto de Edith Stein com o pensamento do primeiro Heidegger. In: MAHFOUD, M. & SAVIAN FILHO, J. *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 9ss.

⁵ Cf. STEIN, E. *Martin Heideggers Existenzphilosophie*. In: STEIN, E. *Endliches und ewiges Sein*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2006, p. 445-499. (Edith Stein Gesamtausgabe, vol. 13/14).

dade de possibilidades. Mas ele não é criador das possibilidades que são dadas a ele, e, sim, um ativador dessas possibilidades, assim como não é criador de si mesmo. Heidegger teria desviado da questão sobre a origem das possibilidades dadas ao *Dasein*; e esse desvio era inaceitável para Edith Stein.

Essa intuição coincide com o que a experiência religiosa chama de verdade da criação: o existir é recebido e só pode ser recebido de uma instância maior do que o existir; uma existência infinita. O infinito habita o ente humano, funda-o, lança-o na existência, não podendo ser associado apenas a uma infinitude de possibilidades (que não passaria de uma finitude). A ideia de infinito, se assim podemos dizer, é garantida pela existência finita mesma e não decorre de uma especulação nem permite dominação reflexiva; ela ser percebida na abertura infinita que habita cada ente humano e cada possibilidade do existir em geral. Edith Stein dirá que Heidegger partiu de uma distinção entre pertencimento e reflexão, ou entre compreensão pré-ontológica e ontológica, mas acaba falando de finitude e infinitude apenas como reflexão ou compreensão ontológica, sem se dar conta do pertencimento do finito ao infinito ou da habitação pré-ontológica do infinito no finito.

Essa mesma atitude, segundo Edith, faz Heidegger conceber a autenticidade da existência humana apenas como olhar fixo no fim e como antecipação da morte. Mas, segundo Edith Stein, embora justa, essa não é a última palavra sobre o fim da vida humana, pois só considera a experiência geral da morte e não alcança exatamente aquilo que busca o fenomenólogo: o sentido da morte. Em outras palavras, a morte, para Heidegger, é apenas o fim do *Dasein*; para Edith Stein, a morte é uma questão, não uma evidência. “Ela é a porta obscura, a respeito da qual cada um se põe a questão de sua própria vida.” (DUPUY, *op. cit.*, p. 187). É curioso que a morte nos faça pôr a questão sobre a vida e, mais ainda, fazendo-nos perguntar não diretamente sobre a vida mesma, mas sobre pelo que pode vir depois da morte. A essa pergunta, absolutamente ninguém pode responder filosoficamente. A morte, portanto, permanece como agulhão que provoca constantemente a vida humana. Ora, se ela é um agulhão, Edith Stein não via sentido em transformá-la em resposta.

O problema da visão sobre a morte decorreria da atitude que fazia Heidegger tratar do infinito em termos de finitude: embora o filósofo defendesse que o pertencimento ao existir antecede a especulação sobre o existir, Edith Stein não acreditava que esse pertencimento por ele defendido não fosse já um tipo de especulação sobre o existir. Em outras palavras, para afirmar a compreensão pré-ontológica em que o existir possui um olhar não condicionado, mas eloquente por si mesmo, Heidegger já se fundamenta em uma determinada opinião sobre o que é o existir (associando-o sobretudo à temporalidade). No limite, Heidegger já tem uma preconcepção do existir quando fala do pertencimento incondicionado ao existir; ele não a extrai do puro existir, e projeta essa preconcepção na história da metafísica. Segundo Edith Stein, Heidegger faz da reflexão ou da especulação a base do pertencimento, embora defenda o contrário. Se extraísse seu pensamento sobre o existir do existir mesmo, não falaria da infinitude como sinônimo de finitude, não transformaria a morte em resposta e, acima de tudo, não tomaria a decisão de insistir na solitude extrema do *Dasein*, pois nada obriga a afirmar isso. A insistência na solitude, obscuridade e mortalidade do *Dasein* é o que, para Edith, parece fechar as portas para o ser divino.

Edith Stein, ao contrário, pretende escancarar essas portas, mas não por um ato autoritário ou defendendo um “dever” da filosofia. O único “dever ser” que se pode associar à filosofia seria o de deixar-se interpelar pela existência sem preconceções. É o que ela procura mostrar ao dizer que o ser finito, tomado como explicação de si mesmo, não esgota as possibilidades de sua própria explicação, deixando inconclusa, portanto, a busca de clareza. Mesmo a experiência de algo tão finito como o prazer, elemento essencial da constituição humana, não se explica senão por uma referência a algo que o supera. Mesmo Nietzsche (citado textualmente por Edith Stein) aceitava que o prazer quer eternidade, profunda eternidade. Essa presença desconcertante deixar-se-ia captar na imanência mesma da consciência, impedindo que qualquer especulação a reduza à finitude.

À guisa de conclusão

Assim como seu desejo de verdade ou objetividade fez Edith Stein permanecer em continuidade com Husserl, assim também o mesmo desejo a fez discordar de Heidegger. A busca da autenticidade, no seu dizer, não virá de um esquecimento da diferença entre o existir e o ente (esquecimento esse que, no limite, seria artificial), mas virá da vida do eu; isso significa recolocar em primeiro plano o desejo de sentido. O *sentido* mostra-se, assim, como a constante incontornável no percurso de Edith Stein, traduzindo o seu desejo de verdade ou desejo de objetividade. É nessa direção que, a meu ver, merece ser pensada a relação entre Edith Stein e a Fenomenologia. Não se trata de uma “relação” de dois polos, como se Edith Stein acionasse a Fenomenologia como um instrumento. Em vez disso, é uma relação de pertencimento: a Fenomenologia é o ambiente em que se move Edith Stein até o fim de sua vida; ela é para a filósofa o que a água do mar é para o seus habitantes. A verdade como sentido é a chave para interpretar a vida e a obra de Edith Stein.

Referências bibliográficas

- CONRAD-MARTIUS, H. *Schriften zur Philosophie*. Tomo II. Munique: Kösel, 1965.
- DUPUY, B. “Au commencement était le sens”: l’herméneutique d’Edith Stein. In: JOSSUA, J.-P. & SED, J.-N. (orgs.). *Interpréter: hommage amical à Claude Geffré*. Paris: Cerf, 1992, p. 171ss.
- GUILEAD, R. *Edith Stein: de la phénoménologie à la science de la Croix*. Louvain: Nauwlaerts, 1974.
- MAC DOWELL, J. A. O confronto de Edith Stein com o pensamento do primeiro Heidegger. In: MAHFOUD, M. & SAVIAN FILHO, J. (orgs.). *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 9ss.
- MAHFOUD, M. & SAVIAN FILHO, J. (orgs.). *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação*. São Paulo: Paulus, 2017.
- STEIN, E. Die weltanschauliche Bedeutung der Phänomenologie. In: _____. *Freiheit und Gnade*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2014, p. 143ss. (Edith Stein Gesamtausgabe, vol. 9).

_____. *Einführung in die Philosophie*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2015. (Edith Stein Gesamtausgabe, vol. 8).

_____. Martin Heideggers Existenzphilosophie. In: STEIN, E. *Endliches und ewiges Sein*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2006, p. 445ss. (Edith Stein Gesamtausgabe, vol. 13/14).

_____. O que significa mundivisão na Fenomenologia. Trad. Enio Paulo Giachini. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba: FAE & Instituto São Boaventura, v. 7, n. 1, jan.-jun. 2014, p. 111-123.